

SANDRA SANTOS SOUSA

**A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO
EM
“*CHIQUINHO*” DE BALTASAR LOPES
E
“*MENINO DE ENGENHO*” DE JOSÉ LINS DO REGO**

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

ISE – 2006.

SANDRA SANTOS SOUSA

**A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO
EM
“*CHIQUINHO*” DE BALTASAR LOPES
E
“*MENINO DE ENGENHO*” DE JOSÉ LINS DO REGO**

**TRABALHO CIENTÍFICO APRESENTADO NO ISE PARA OBTENÇÃO DE GRAU
DE LICENCIADO, SOB A ORIENTAÇÃO DA Dra. MARIA VERÚCIA DE SOUZA
(DOCENTE DO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO)**

O JURI:

Praia – 2006

AGRADECIMENTOS

O trabalho que ora se apresenta não seria possível sem o encorajamento, apoio directo e a dedicação de pessoas que me são afectas, não só por laços familiares, de amizade como assim profissionais.

Nesse colectivo, em especial gostaria de endereçar um agradecimento especial:

À minha Mãe que mesmo não estando cá comigo ao longo dos 5 anos de Licenciatura soube transmitir-me de uma forma muito saudável e confiante a necessidade em acreditar na minha capacidade e força de vontade para enfrentar todos os obstáculos e atingir os meus objectivos.

Também à minha irmã mais velha e ao meu cunhado pelo apoio, carinho e atenção que me concederam durante os três anos iniciais do meu curso.

Ao meu namorado pelo apoio moral, cumplicidade, presença, companheirismo e carinho que me proporcionou nos momentos mais difíceis fazendo-me acreditar que nada é impossível.

Aos professores do Departamento de Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses em especial à Dra. Maria Verúcia de Souza pela sua forma peculiar de orientar para a construção do saber e pelo despertar do gosto pelo conhecimento da Literatura Brasileira, pela sua disponibilidade, franqueza, profissionalismo e dedicação peculiares com que abraça o trabalho tornando-o viável, mesmo tendo muitos compromissos.

Por último, às minhas colegas de trabalho, em especial: Hungria e Jacinta pela disponibilidade que sempre demonstraram em me apoiar.

INTRODUÇÃO

A literatura é um conjunto de obras ou escritos em prosa e verso que retrata a cultura de um povo numa dada época e num dado espaço, nos quais entram elementos teóricos/práticos de natureza científica, literária, cultural, política, sócio-económica, entre outros.

A literatura cabo-verdiana como se sabe tem como marco a publicação em Março de 1936 da revista Cultural *Claridade* pelos escritores Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes. A revista *Claridade* é considerada o maior acontecimento de todos os tempos na vida literária e cultural de Cabo Verde, na qual tanto a ficção, a poesia e o ensaio encontram um lugar de destaque, segundo Dulce Almada Duarte, in *Antologia da Ficção Cabo-Verdiana*, 2001.

A literatura claridosa constitui o resultado da postura do homem cabo-verdiano e da realidade que o envolve, com tudo o que ela tem de positivo e menos positivo. Os claridosos mergulharam na realidade das ilhas de forma consciencializada denunciando todos os problemas sociais, económicos, políticos e morais, tendo o homem cabo-verdiano como elemento de representação, ou seja, como protagonista.

Muitas vezes, povos diferentes identificam-se através dos escritos, nos quais se encontram aspectos semelhantes relativos a vida quotidiana e cultural dos mesmos.

Sabe-se que inicialmente o Brasil foi um país cuja literatura circunscrevia ao espaço nacional sem se abrir para o mundo, mas com o tempo sentiu essa necessidade de levar à outros pontos do globo aquilo que se escrevia no país com intuito de dar a conhecer o deslumbramento da natureza e o retrato da injustiça social, abrindo-se dessa forma para o mundo em termos de exportação literária. Sabemos que muitos países se espelharam na produção e nos escritores brasileiros e Cabo Verde é um desses que consumiu parte dessa literatura.

Muitos foram os escritores nordestinos que influenciaram os claridosos nos seus escritos, como é o caso de José Lins do Rego, escritor cuja obra *Menino de Engenho* faz parte da nossa análise discursiva. A influência dos escritores do nordeste do Brasil consiste na denúncia das consequências sócio-económicas da seca, da extrema pobreza/miséria das populações, da desigualdade social, da organização da sociedade, em vários aspectos parecidos às existentes, então, em Cabo Verde. Estas explicações podem e devem ser um dos

motivos que levou alguns dos escritores cabo-verdianos a praticar o evasãoismo nos seus escritos ilustrando o espaço e os acontecimentos da nossa realidade com características bem assentes da realidade brasileira.

A partir da década de oitenta se verifica um número expressivo de trabalhos que põe em foco as relações entre literaturas voltadas para os ideais não-canônicos. Porém, as relações culturais entre Brasil e Cabo Verde são anteriores a essa década, mas, no entanto, neste trabalho pretendemos analisar comparativamente a construção do discurso nos Romances *Menino de Engenho* de José Lins do Rego e *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva, escritos respectivamente em 1932 e 1947.

Chiquinho é considerado um dos romances demonstrativos da realidade cabo-verdiana nos seus aspectos capitais: o saudosismo, o telurismo, a emigração, a seca, a desigualdade social, entre outros. Em *Menino de Engenho* fala-se dos mesmos temas mas o que muda é o espaço geográfico e a forma de os denunciar, pois esta obra retrata a realidade brasileira do período modernista brasileiro.

Sabendo que *Chiquinho* é um romance cabo-verdiano e *Menino de Engenho* é brasileiro, traçamos como propósito fazer uma comparação a nível da construção do discurso em ambos. O nosso trabalho enquadra-se no âmbito das literaturas cabo-verdiana e brasileira, e a nossa intenção é dar conta de como Baltasar Lopes e José Lins do Rego fazem a intertextualidade discursiva tendo o homem, o seu quotidiano e as vivências como elementos básicos das suas produções literárias.

Como a obra *Chiquinho* de Baltasar Lopes é trabalhada no 3º Ciclo, com este trabalho pretendemos conceder a todos aqueles que vierem a ter acesso a nossa investigação como professores, alunos e os demais interessados dados que lhes possam ser proveitosas perante a obra de recomendação curricular, por um lado e, por outro lado, facultar-lhes uma visão diferente segundo os objectivos preconizados para a análise entre *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego.

O nosso trabalho encontra-se dividido em três capítulos, conforme a distribuição seguinte:

No primeiro capítulo intitulado “Enquadramento teórico dos Romances e dos Autores”, apresentamos: a justificativa e relevância dessa pesquisa, a problemática e os objectivos que a norteia, os procedimentos metodológicos, como também as biobibliografias dos autores Baltasar Lopes e José Lins do Rego, os Romances e os resumos dos mesmos.

O segundo capítulo denominado de “A Construção do Discurso em *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego”, dá-nos conta dos seguintes aspectos: Definição teórico-literária do Discurso, o Discurso como elemento definidor da Literatura, o Conceito da Literatura Comparada, a Caracterização do Discurso nos Romances, a Correlação entre o Discurso dos Romances, a Intertextualidade Discursiva nos Romances *Chiquinho* e *Menino de Engenho*, o Conceito e Evolução do Vocábulo Intertextualidade e a Intertextualidade Discursiva nos Romances.

O terceiro capítulo intitulado “A Dimensão do Discurso”, tem como objectivo apresentar a Dimensão do Discurso nos Romances e a avaliação do impacto dos factores económicos, políticos e sociais como elementos definidores do Discurso nos Romances.

Por último desenvolvemos as considerações finais, nas quais damos uma visão geral da análise comparativa do discurso nos dois romances trabalhados.

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Introdução	II

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO DOS ROMANCES E DOS AUTORES

1.1. Justificativa e relevância da pesquisa	1
1.2. Problemática	12
1.3. Objectivos da pesquisa	12
1.3.1. Objectivo geral	12
1.3.2. Objectivos específicos	12
1.4. Procedimento metodológico	12
1.5. Biobibliografia de Baltasar Lopes	13
1.6. O romance <i>Chiquinho</i> de Baltasar Lopes	14
1.7. Biobibliografia de José Lins do Rego Cavalcanti	16
1.8. O romance <i>Menino de Engenho</i> de José Lins do Rego	18
1.9. Resumo dos romances:	19
1.9.1. Resumo de <i>Chiquinho</i> de Baltasar Lopes	19
1.9.2. Resumo de <i>Menino de Engenho</i> de José Lins do Rego	20

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO EM *CHIQUEINHO* DE BALTASAR LOPES E *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS DO REGO

2.1. Definição teórico-literária do discurso	23
2.3. Conceito de literatura comparada	25
2.4. Caracterização do discurso nos romances	27
2.5. Correlação entre o discurso nos romances	33
2.6. A intertextualidade discursiva nos romances <i>Chiquinho</i> e <i>Menino de Engenho</i> ..	36

2.6.1. Conceito e evolução do vocábulo intertextualidade	36
2.6.2. A intertextualidade discursiva nos romances	38

CAPÍTULO 3

A DIMENSÃO DO DISCURSO

3.1. A dimensão do discurso nos romances	43
3.1.1. Avaliação do impacto dos factores económicos, políticos e sociais como elementos definidores do discurso nos romances.....	48
Considerações finais	52
Bibliografia	55

CAPÍTULO 1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO DOS ROMANCES E
DOS AUTORES

1.1. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

O tema escolhido está enquadrado no âmbito das literaturas cabo-verdiana e brasileira, nas quais pretendemos analisar comparativamente dois romances: um genuinamente cabo-verdiano e outro genuinamente brasileiro, nos quais, os autores elegem uma estrutura social complexa com seus respectivos aspectos positivos e negativos como tema das suas produções literárias.

Com *Chiquinho* e *Menino de Engenho*, os autores aparecem como representantes de uma literatura regional e social preocupada em denunciar e analisar as condições de vida dos respectivos povos usando a escrita como sua arma principal.

Como mencionamos anteriormente, a obra *Chiquinho* de Baltasar Lopes é trabalhada no 3º Ciclo, com este trabalho pretendemos facultar aos alunos elementos que lhes possam ampliar as suas ideias perante a obra de recomendação curricular, por outro lado, partindo do objectivo primeiro do nosso trabalho que é uma análise comparativa entre *Chiquinho* e *Menino de Engenho*, ao traçarmos semelhanças e diferenças entre ambas alargamos a visão dos alunos perante a literatura.

Aliás como dizem, Cabo Verde é um pedacinho do Nordeste brasileiro, e este tem tudo a ver com Cabo Verde, nesse sentido, debruçar-nos-emos sobre a literatura de ambos países objectivando traçar, questionar e ratificar essas semelhanças.

Uma outra relevância, deve-se ao facto de mostrar que a aproximação entre povos pertencentes a continentes diferentes não se verifica só através de costumes, tradições, recursos naturais mas também, por meio da literatura na qual detectamos elementos comuns à nível das suas histórias, percursos literários, factores sociais, económicos, políticos, entre outros aspectos.

Pretendemos mostrar a todos que venham a ter acesso ao nosso trabalho de que a literatura não tem fronteiras, e, para isso iremos comparar – *A forma como os dois narradores constroem o discurso nas obras Chiquinho de Baltasar Lopes e Menino de Engenho de José Lins do Rego.*

1.2. PROBLEMÁTICA

É inegável, como já dissemos anteriormente, que a Literatura não tem fronteiras e é partindo dessa análise que se justifica a seguinte pergunta de pesquisa para a investigação ora apresentada.

? Que semelhanças podemos encontrar na construção do discurso de *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego.

1.3. OBJECTIVOS DA PESQUISA

Pretendemos com o referido estudo analisar o discurso que permeia ambas as obras foco da nossa investigação e para isso preconizamos os seguintes objectivos:

1.3.1. OBJECTIVO GERAL

- Analisar comparativamente a construção do discurso nos romances *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego.

1.3.2. OBJECTIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar elementos do discurso comuns entre os romances.
- Justificar a intertextualidade discursiva entre os romances.
- Avaliar o impacto dos factores económicos, políticos e sociais como elementos determinantes do discurso nos romances.

1.4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O trabalho ora apresentado, tem um carácter descritivo baseado numa análise bibliográfica, isto é, a descrição do objecto é feita por meio de leitura, observação e análise das obras objecto da nossa pesquisa. Por ser uma pesquisa bibliográfica e documental, procuramos adquirir conhecimentos sobre o objecto de pesquisa a partir da busca de informações advindas de material gráfico e informático. Sendo assim, nosso trabalho é eminentemente de cunho bibliográfico e documental.

1.5. BIOBIBLIOGRAFIA DE BALTASAR LOPES

O autor do romance *Chiquinho* genuinamente cabo-verdiano, **Baltasar Lopes**, nasceu na Freguesia rural de Caleijão, na Ribeira Brava, ilha de São Nicolau, em 23 de Abril de 1907 (data celebrada actualmente como “Dia do Professor Cabo-Verdiano”), filho de Agricultor, morreu em 1989 em Lisboa onde se encontrava em tratamento.

Quatro livros fundamentais fazem dele o construtor-mor da cabo-verdianidade: o Romance *Chiquinho* (1947); o Ensaio *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, um dos mais importantes estudos sobre o crioulo, a materna de Cabo Verde, (1957); a colectânea de poemas *Cântico da Manhã Futura* (1986), com o nome poético de Osvaldo Alcântara e os Contos de *Os Trabalhos e os Dias* (1987). Para criticar a visão com que ficou o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre do arquipélago, após curta estadia, Baltasar Lopes publicou *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre* (1956). Organizou uma *Antologia da Ficção Cabo-Verdiana Contemporânea* (1961) e ainda viu sair um conto, em edição bilingue, *Le Carnet/ A Caderneta* (1986).

É necessário compreender que, a aura de que goza, desde sempre (era tratado afectuosamente por Nhô Baltas), está associada ao pioneirismo da obra romanesca e filológica; à revista *Claridade* (1936/1960); à publicação esparsa de contos e poemas, mas também, ao papel de patriarca das novas gerações, que desempenhou enquanto professor (e reitor) no Liceu de São Vicente, ensinando para lá das limitações dos programas oficiais (durante cerca de cinquenta anos), por um lado.

Por outro lado, enquanto estudante em Lisboa, entre 1921 e 1930 (concluiria Direito e Filologia Românica, de que o ensaio publicado é a Tese de Licenciatura), e, depois, como estagiário, em 1938/1940, conviveu com figuras ilustres da cultura portuguesa e do ensino. Contactou também com africanos ligados ao proto-nacionalismo.

Ainda chegou a leccionar, num curto período em Leiria. O reconhecimento da sua capacidade intelectual levou a que, nos anos 40, o convidassem para leccionar na Universidade de Lisboa, mas dificuldades de natureza política que lhe levantaram, impediram-no de preparar o Doutoramento, sendo esta a razão que terá contribuído decisivamente para o seu regresso definitivo à Terra Natal, aqui permanecendo até o fim, empenhado na cultura, docência e advocacia.

A solidez intelectual dos seus anos de formação, na mais escolarizada colónia africana de Portugal, e que se completou com as duas licenciaturas, ultrapassava os reduzidos interesses escolares, para mergulhar na história, cultura e política universais.

Poeta ímpar, ficcionista e ensaísta, Osvaldo Alcântara do mesmo modo que o prosador, alicerça a sua escrita no conhecimento filológico da língua portuguesa e do crioulo (ou língua cabo-verdiana), isto é, recorre a expressões da língua materna com intuito de “fincar os pés na terra” e ficar mais próximo da realidade cabo-verdiana.

Baltasar Lopes da Silva foi antes de mais um cabo-verdiano preso às raízes, isto é, esteve sempre agarrado à Terra Natal quer a nível profissional quer através dos seus escritos.

De toda a sua obra literária o romance *Chiquinho* é o que espelha de forma espectacular a realidade cabo-verdiana através de uma habilidade discursiva narrada na primeira pessoa e nas vozes das personagens, estes elementos muito importantes na compreensão do conteúdo.

Por isso, a seguir debruçar-nos-emos sobre esta obra que, para além de fazer parte do Movimento Claridoso é um marco na independência discursiva literária cabo-verdiana uma vez que excertos do romance começaram a ser publicados desde a publicação da Revista Claridade. Vamos dar conta de como o autor constrói o discurso ao longo da obra *Chiquinho* conseguindo dar aos leitores uma perspectiva ampla de uma realidade nua, crua e comum vivida nas nossas ilhas através de uma fotografia de todos os aspectos que apoquentavam o povo sendo os mais relevantes a seca, a fome, a emigração, a pobreza e o regime político. É de realçar que conjuntamente dos aspectos que afligiam a população das ilhas, Baltasar Lopes enalteceu a língua cabo-verdiana, as crenças costumes e tradições, a música, a dança, a gastronomia, entre outros.

1.6. O ROMANCE *CHIQUINHO* DE BALTASAR LOPES

O romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes está inserido dentro do Movimento Claridoso (1936) que é considerado o Marco da Literatura Cabo-Verdiana. Publicado em 1947, *Chiquinho* é considerado um romance de ficção autobiográfica (principalmente na primeira parte, intitulada *Infância* que retrata a infância do protagonista Chiquinho e que coincide com a vivência deste na ilha de S.Nicolau) e o primeiro romance que demonstra a realidade cabo-

verdiana por meio do desempenho das suas personagens que vivem em ambientes sociais muitas vezes controversos, mas, que detêm a chave para explicar tais comportamentos.

O citado romance é considerado uma homenagem feita pelo autor à sua ilha e consequentemente ao seu povo, sendo este retratado de forma espectacular com todos os seus hábitos, costumes, crenças, aspectos sociais (secas e fomes provocadas pelas chuvas irregulares das ilhas que obrigam o homem cabo-verdiano a deixar a sua terra e emigrar à procura de melhores condições de vida, como é o caso do pai de Chiquinho e muitos outros), e, capacidades intelectuais ao fazer referência notável do Seminário-Liceu de S.Nicolau (fundado em 3 de Setembro de 1866) onde estudou Baltasar Lopes autor do romance em estudo e muitos outros dos nossos intelectuais e eruditos, que em muito ajudaram e têm ajudado para uma identidade literária própria das ilhas, pois daí saiu uma geração das mais cultas e melhores preparadas, com uma cultura invejável e que as primeiras produções literárias do arquipélago são disso testemunho.

A situação social, económica e política da época fez com que os escritores retratassem os aspectos do quotidiano, denunciando todas as situações vividas.

O romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes constitui um texto de denúncia, isto é observável, através da diegese e da intervenção das personagens uma denúncia/crítica à ordem sócio-política e económica que vigorava na época.

Com este romance o autor pretende antes de mais tentar transformar a sociedade utilizando a escrita como instrumento de denúncia.

Através da trajectória do menino Chiquinho, o autor constrói um romance “descolonizado”, segundo palavras de Alfredo Margarido (1980), em que estão ausentes as personagens portuguesas, isto porque os claridosos tinham como um dos propósitos romper com os padrões europeus até então muito presentes na literatura cabo-verdiana.

Toda a narrativa está contida numa longa evocação, uma analepse gigantesca numa linguagem literária que dulcifica o português como incursões semânticas e a fluência rítmico-frásica do crioulo.

Como romance de aprendizagem, ou de iniciação, *Chiquinho* é comparável a alguns romances como por exemplo: *As Aventuras de Ngunga* (1976, escrito em 1972), *A Konkhava de Feti* (1981) e *Menino de Engenho* (1932) respectivamente de Pepetela, Henrique Abrantes e José Lins do Rego. Contudo para o desenvolvimento dessa análise comparativa escolhemos

Menino de Engenho por considerarmos que a construção do Discurso dentro da referida obra se aproxima mais da obra cabo-verdiana.

O romance *Chiquinho* é considerado um clássico na nossa literatura e foi desde sempre um dos romances cabo-verdianos mais lidos e consequentemente, mais conhecidos da literatura cabo-verdiana.

1.7. BIOBIBLIOGRAFIA DE JOSÉ LINS DO REGO CAVALCANTI

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu em 1901, no Município de Pilar, Estado da Paraíba. Filho de pais pertencentes às tradicionais famílias oligárquicas do Nordeste açucareiro, passou praticamente toda a sua infância no Engenho Corredor do seu avô materno que teve de assumir a sua educação, devido à morte da mãe e à ausência do pai. Fez os estudos secundários em Itabiana e na Paraíba, formando-se depois, na Faculdade de Direito, no Recife, em 1923, altura em que também começaram a ser divulgados os seus primeiros trabalhos literários.

Em 1925, foi nomeado Promotor Público em Manhaçu, região do interior do Estado de Minas Gerais. Um ano depois abandonou a carreira de Judiciário e transferiu-se para o Estado de Alagoas onde passou a exercer as funções de Fiscal Bancário até 1930 e, Fiscal de Consumo de 1931 a 1935. Enquanto viveu em Maceió, Lins do Rego foi colaborador do Jornal do Estado de Alagoas e passou a fazer parte do grupo de Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti entre outros. Foi ali que publicou a obra *Menino de Engenho*, o seu primeiro livro e cuja publicação foi custeada com dinheiro do seu próprio bolso.

Em 1935, José Lins do Rego mudou para o Rio de Janeiro, cidade em que viveu até à morte, em 12 de Setembro de 1957. Além de sua grande participação na vida literária brasileira, Zé Lins como era vulgarmente conhecido, revelou-se igualmente, como um fanático futebolista, tendo exercido vários e importantes cargos no Clube de Regatas Flamengo e na Confederação Brasileira de Desportos.

Relativamente aos trabalhos publicados por José Lins do Rego, a obra *Menino de Engenho* foi a sua primeira produção literária lançada em 1932. Com esta obra, ele iniciou o ciclo literário denominado de “Ciclo da cana-de-açúcar” que depois foi completado por *Doidinho* e *Banguê*, publicadas em 1935 e 1936 respectivamente. Nestas produções são

retratadas as evoluções de um Nordeste sujeito a profundas transformações económicas e sociais, um Nordeste semifeudal cuja sociedade se vai desmoronando com o advento da máquina e de uma concepção de trabalho.

Concluído o “Ciclo da Cana-de-açúcar”, seguem-se vários outros romances rurais, mas sem a mesma intenção: *Pureza* (1937) que é um romance onde se pode verificar a passagem dos campos de monocultura, dos sertões batidos pelas secas, para o interior das florestas; *Pedra Bonita* (1938) que é uma das suas obras tecnicamente mais perfeitas; *Riacho Doce* (1939); *Água Mãe* (1941) e *Fogo Morto* (1943), sendo este último considerado o seu melhor romance e o qual se seguem *Eurídice* (1947) que já tem como cenário o espaço citadino do Rio de Janeiro e *Cangaceiros* (1953), um outro romance em que o romancista volta a enaltecer o nordestino e a Literatura Regional.

De realçar outrossim que, para além da obra romanesca, o autor trabalhou no Rio de Janeiro como cronista em diversos jornais, tendo igualmente publicado vários livros de crónicas e ensaios como sejam: *Gordos e Magros* (1942), *Poesia e Vida* (1945), *Homens, Seres e Coisas* (1952), *O Vulcão e a Fonte* e *Dias Idos e Vividos* obras póstumas publicadas em 1958 e 1981 respectivamente.

Membro da Academia Brasileira de Letras, o autor José de Lins do Rego tem muito das suas obras traduzidas e é considerado um dos grandes nomes da Literatura Brasileira pela sua forma ímpar de retratar através dos seus escritos a sociedade brasileira, em todos os seus aspectos.

Recebeu alguns prémios pelas magníficas obras romanescas que escreveu como: Prémio da Fundação Graça Aranha, pelo romance *Menino de Engenho* (1932); Prémio Felipe d’Oliveira, pelo romance *Água-Mãe* (1941), e Prémio Fábio Prado, pelo romance *Eurídice* (1947).

Romancista da decadência dos senhores de engenho, sua obra baseia-se quase toda em memórias e reminiscências. Seus romances levantam todo um sistema económico de origem patriarcal, com o trabalho “semi-escravo” do eito, ao lado de outro aspecto importante da vida nordestina, ou seja, o cangaço e o misticismo.

Como mencionamos anteriormente, muitas foram as obras que José Lins do Rego publicou e de entre elas pretendemos comparar a construção do discurso do seu primeiro romance *Menino de Engenho* com o Romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes com a intenção de apontar semelhanças e dissemelhanças.

1.8. O ROMANCE *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS DO REGO

O romance *Menino de Engenho* cuja publicação se deu em 1932, consagrou José Lins do Rego como um dos expoentes máximos da Literatura Moderna no Brasil. Esta obra, escrita na década de 30 do Séc.XX corresponde à 2ª fase do Modernismo Brasileiro também denominada de Fase Regionalista. Este regionalismo evidente no romance é fruto desse momento histórico em que tinha se tornado moda entre os escritores que elegiam uma determinada região geográfica e sua respectiva estrutura social como tema das produções literárias.

Com *Menino de Engenho* o autor preocupa-se em apresentar e analisar as condições de vida e os costumes do Nordeste Brasileiro – uma literatura regional e social. Para além de ser considerada como uma obra da Fase Modernista que centra-se no Regionalismo. Para além disso, costuma ser enquadrada no chamado “Ciclo da cana-de-açúcar”, porque José Lins do Rego procura retratar uma sociedade açucareira escravagista. A denúncia e ou crítica social em *Menino de Engenho* não chega a ser tão evidente, dado ao seu carácter memorialista, o que confere ao romance uma espécie de uma aparente imaturidade literária não só à nível da denúncia como também à nível da crítica social no que concerne a precária vida nordestina. Todavia cabe salientar que isso se deve ao facto de o citado romance ser o pioneiro na produção literária do autor assim como do período literário modernista regionalista.

Em *Menino de Engenho* podemos enunciar alguns aspectos caracterizadores como a denúncia social bem evidente na situação precária em que viviam os homens do Engenho de Santa Rosa; a crítica ao academicismo evidente nas falas do Coronel José Paulino ao criticar a falta de competência das autoridades judiciais; a ligação com factos políticos, económicos e sociais vista nas represálias que o Coronel Paulino dirige aos seus trabalhadores do Engenho preocupado com o seu bem-estar económico e esquecendo que os servidores do Engenho também eram homens, com ambições e com sensibilidades; a ruptura com o passado evidenciada na mudança de espaço (regionalista), nos costumes, nas crenças, tradições e problemas sociais; para além de outros elementos que apontam para a valorização do homem nordestino, a valorização das tradições orais nos contos da Velha Totonha, o cepticismo em relação as práticas religiosas, entre outros menos relevantes.

1.9. RESUMO DOS ROMANCES:

1.9.1. RESUMO DE *CHIQUINHO* DE BALTASAR LOPES

Chiquinho organiza-se em três partes distintas: A Infância; São Vicente e As – águas. Na primeira parte, narra-se, com intensa saudade a sua infância, passada em ambiente rural, afectivo, entre o mundo familiar, as primeiras letras (na escola de Caleijão e no Liceu Seminário da Vila da Ribeira Brava em São Nicolau) e as brincadeiras. Nesta parte, centrada nas doces recordações da infância do protagonista, é importante realçar alguns episódios que marcaram a vida deste, como: o episódio da cólera e da ventosa (vendaval) e as histórias sobre negreiros e escravos, (capítulo 7); o da deslocação à Ribeira Prata, para um casamento, em que Chiquinho assistiu a um batuque pela primeira vez; a chegada dos baleeiros (simbolizando o apelo da América, que faz recordar o pai emigrado), (capítulo 16); a visita do emigrante Chico Zepa (capítulo 19); a visita de Chiquinho à Totone Menga-Menga, espécie de velho feiticeiro ou mágico (capítulo 20); a iniciação teórica do amor, com Mané Pretinho, Izé da Silva e Joca Cuscuz (capítulo 25) e, finalmente, a previsão de um ano de seca e fome (capítulo 30).

Na segunda parte, já na Cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, assiste-se à passagem para o liceu, aos amigos de tertúlia, ao primeiro amor, aos sonhos e à socialização da personagem protagonista na casa onde foi morar para estudar e no ambiente escolar. Nesta parte, temos os seguintes pontos principais na economia e sentido da intriga: Chiquinho conhece Andrezinho e a irmã Nuninha, por quem se apaixona; a apresentação do Grémio, (capítulo 7); a crise que atinge o porto grande, (capítulo 10); a visita do Governador, tratado ironicamente por Sexa, (capítulo 12); o episódio do Carnaval, com os bailes, batuque, namoricos e zanga de Chiquinho com a amada (capítulo 17); a Associação Operária Mindelense, (capítulo 20); o inquérito nos Bairros populares, a ser desenvolvido pelo Grémio, (capítulo 24); o regresso de Chiquinho a São Nicolau, findos os estudos liceais (último capítulo).

Na terceira parte, remete-nos para o problema da falta de chuva, isto é, da seca, uma constante em Cabo Verde, por um lado, e, por outro, conota as águas do mar, por sobre as quais Chiquinho sairá, de vapor a caminho da América do Norte, após presenciar a tragédia da seca e da morte, e a revolta da parte da população.

Na terceira parte denominada de As-águas fristem-se os seguintes aspectos de conteúdo: Chiquinho dá-se conta de que já se afastou culturalmente da terra da infância, (capítulo 1); o tio Joca tenta demover Chiquinho de seguir a carreira do professorado; dispersão do Grémio, (capítulo 11); primordial, o acontecer da grande seca, com a miséria, desolação e a morte dos alunos como consequência da fome, (capítulo 13); o levante de S. João conduzido por Chico Zepa, (capítulo 17); morte de Chic`Ana, devido à fome, e seu enterro; proposta de Chiquinho ao Grémio para a emigração em massa, antevisão dos seus na Universidade Norte-Americana e desterro de Chico Zepa para a ilha do Sal, (penúltimo capítulo) e emigração de Chiquinho a fechar, Pires Laranjeira, 1995.

Resumindo a trajectória do protagonista pode-se dizer que, saiu de Caleijão, sua terra natal, ao Seminário de São Nicolau e dali para o Liceu de São Vicente, retomando, anos mais tarde à ilha mãe, cruelmente castigada pela seca e pela fome. Chiquinho cresce, amando a sua terra e a sua gente, descobrindo-se e descobrindo a vida até a sua partida para a América no fim da narrativa. Devido a seca e consequente pobreza/miséria o protagonista vê a emigração como uma solução.

1.9.2. RESUMO DE *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS DO REGO

Em *Menino de Engenho*, Carlos de Melo, já adulto, relata de uma forma saudosa a sua infância, quando era ainda apenas o menino Carlinhos que perdeu a mãe assassinada pelo pai e fora, por causa disso, morar no Engenho de Santa Rosa, propriedade do seu avô materno, o Coronel José Paulino.

Criado, inicialmente mimado pela tia Maria, Carlinhos passava a maior parte do seu tempo dividido entre o comportamento divino, terno e maternal que recebia desta e o convívio mais extrovertido e libertino dos primos que lhe revelavam, uma face mais carnal do Engenho, sempre com alguma travessura. Assim, bem cedo, toma contacto com as contradições e o drama da vida, seja pela perda da mãe, seja pela convivência com os primos e com os moleques da bagaceira, passando a buscar na imagem do tio Joca, um modelo de identificação.

Carlinhos conheceu no Engenho do avô, um mundo totalmente diferente do que conhecera em Recife quando morava com os pais. Um mundo cheio de desigualdades sociais que moldavam a figura dos empregados e os seus conflitos familiares e sociais, até a força da

natureza agindo e maltratando as populações dos engenhos, tantas vezes castigados por esse mal. O cangaço também se fazia presente nas lendas e na realidade do Engenho, aguçando a mente do menino a ponto dele chegar a pedir ao cangaceiro António Silvino, figura muito tímida, para segui-lo junto ao bando, aquando da visita deste à propriedade do avô. Menino curioso, sempre perto dos acontecimentos, tentando arranjar explicações para os factos das coisas. Carlinhos também conhece personagens que marcariam profundamente as suas lembranças, como a velha Totonha, com as suas “estórias” e o velho Passarinho (José Ludovina), uma personagem que vivia cantando bêbado.

Conhece ali também o amor. Primeiramente expresso pela figura pálida da prima Lili que veio a falecer ainda muito criança e depois, veria uma outra prima do Recife passar alguns dias no Engenho, chamada Maria Clara. Esta, menina da cidade e um pouco mais velha que Carlinhos, contava aos meninos do Engenho as suas grandes diversões e novidades vistas na cidade, durante os longos passeios que faziam pelas terras. Durante esses passeios Carlinhos recebeu o seu primeiro beijo e, quando a prima regressou a Recife, ele sentiu a perda desta que já considerava a sua primeira namorada. Logo em seguida, sentiria também a perda da sua segunda mãe, a tia Maria que com o casamento teve de o deixar aos cuidados da tia Sinhazinha, uma senhora fria e intransigente. No entanto, apesar da austeridade da sua nova educadora, a sua libertinagem tornou-se ainda maior, pois, Carlinhos se inicia e aprofunda na vida sexual a ponto de contrair, aos doze anos, gálico. Assim, a única saída para tanta rudeza era o colégio que Carlinhos não tardou a ir, mesmo forçado.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO EM *CHIQUINHO* DE BALTASAR LOPES E *MENINO DE ENGENHO* DE JOSÉ LINS DO REGO

2.1. DEFINIÇÃO TEÓRICO-LITERÁRIA DO DISCURSO

Discurso é por si só um multissignificativo, utilizado quer no âmbito dos estudos linguísticos, quer no âmbito dos estudos literários. Assim discurso pode designar um conjunto de enunciados que manifestam certas propriedades verbais cuja descrição se pode efectuar no quadro de uma análise estilístico-funcional. Também pode definir-se como sequência de enunciados que globalmente configuram uma unidade linguística superior à frase.

Investigações mais recentes revalorizaram os problemas atinentes à existência de uma unidade linguística superior à frase (designada por texto ou discurso), numa tentativa de conceptualizar um nível de análise irredutível, do ponto de vista semântico, a uma mera concatenação de frases. O texto ou discurso então passa a ser definido como um todo, como uma unidade comunicativa globalmente coerente. Considerada como propriedade semântica do discurso, a coerência pressupõe uma lógica dos encadeamentos transfrásicos e requer uma análise a nível macroestrutural (noção que permite equacionar e explicar o resumo do texto, operação pela qual se produz uma síntese equivalente ao conteúdo global do texto), segundo Carlos Reis, 1998.

Em narratologia, o termo discurso aparece geralmente definido como domínio autónomo em relação à história. Com esta distinção conceptual, pretende-se discriminar metodologicamente dois planos de análise do texto narrativo: o plano da expressão desses mesmos conteúdos narrados (história) e o plano da expressão desses mesmos conteúdos (discurso), planos que, entretanto, devem ser entendidos como sendo correlatos e, por isso, sustentando entre si conexões de interdependência.

No caso de narrativas escritas, o discurso coincide com o próprio material verbal que veicula a história, o conjunto dos elementos linguísticos que a sustentam. O discurso narrativo é o produto do acto de enunciação de um narrador (narração: processo de enunciação narrativa), e dirige-se, explícita ou implicitamente, a um narratário (entidade fictícia, um “ser de papel” com existência puramente textual, dependendo directamente de outro “ser de papel”; é com frequência, um sujeito não explicitamente mencionado), termo necessário de recepção da mensagem narrativa.

É ao nível do discurso que se detectam os processos de composição que individualizam o modo narrativo: elaboração do tempo, modalidades de representação dos diferentes segmentos de informação diegética, caracterização da instância responsável pela narração (voz), configuração do espaço e do retrato das personagens, constituem os mais

destacados aspectos da manifestação do discurso, manifestação essa indissociável dos específicos conteúdos diegéticos que mediatamente a inspiram. É ainda a nível do discurso que activam os registos estilísticos.

A análise do discurso narrativo será constituída pela descrição dos signos técnico-narrativos que estruturam os diversos âmbitos compositivos como: analepse e prolepse, focalização interna e onnisciente, entre outros; essa descrição completar-se-á, entretanto, mediante procedimentos operatórios que superem este estágio de referência objectiva. Tratar-se-á então não só de explicar a articulação orgânica dos vários componentes que integram o nível discursivo, mas também de entender a sua projecção semântica, em função da específica história que o discurso representa, a qual solicita o privilégio de determinados signos narrativos, em detrimento de outros, nas palavras de Bakhtin, 1993.

A narratologia pretende de algum modo participar na tarefa de construção de uma linguística do discurso (ou do texto), na medida em que se propõe estudar a sintaxe dos encadeamentos transfrásicos de um tipo peculiar de textos.

Neste caso, discurso é o encadeamento de palavras e frases com que se conta uma história, constituindo uma das estruturas do texto narrativo. Sendo assim, o discurso é a exposição de ideias por parte do autor através das falas do narrador e das personagens, retratando os aspectos relevantes constituintes da camada social apresentada.

2.2. O DISCURSO COMO ELEMENTO DEFINIDOR DA LITERATURA

Discurso é a língua no acto, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se de estilo, citando Cunha e Cintra, 1999.

A mais frequente forma de manifestação da linguagem – constituída de uma complexidade de processos, de mecanismos, de meios expressivos – é a linguagem falada, concretizada no discurso, isto é, a realização verbal do processo de comunicação.

O Discurso é um dos aspectos da linguagem – o mais importante e, ao mesmo tempo, a forma concreta sob a qual se manifesta a língua. O discurso define-se, pois, como o acto de utilização individual e concreto da língua no quadro do processo complexo da linguagem. A

linguagem, a língua e o discurso designam três aspectos, diferentes mas estreitamente ligados, do mesmo processo unitário e complexo.

No discurso literário, o nacionalismo foi a antecipação da nacionalidade, modo específico da escrita se naturalizar como própria de uma Nação – Estado em germinação. É de realçar que a consciência nacional, no discurso literário, atravessou, diversos estádios de evolução, desde meados do Século XIX até os dias de hoje.

A Literatura cabo-verdiana, na tentativa de organizar-se como sistema, tem início com a Revista Claridade. Os escritores brasileiros da geração de 22 por meio da singularidade do seu estilo e da sua temática servirão de modelo aos escritores claridosos, segundo Dulce Almada Duarte, 2001.

Os autores cabo-verdianos buscavam no Brasil, por meio da literatura sustento que permitisse denunciar a história económica e social desiguais das ilhas, parecida com a do Brasil em muitos aspectos.

Tomando Baltasar Lopes da Silva como exemplo, visto que o seu discurso é elemento da nossa análise, podemos dizer que ao longo do romance *Chiquinho* fica patente uma estreita relação com a obra *Menino de Engenho*, ou seja, podemos afirmar que o ponto de intersecção entre ambas as obras é determinado pelo discurso que as permeia, pois apesar dos protagonistas viverem em contextos distintos, a forma como é construído o discurso funciona como um catalisador das diferentes, porém comuns realidades.

O escritor, como é o caso de Baltasar Lopes e José Lins do Rego, é um indivíduo que exprime sempre uma ordem da realidade segundo um dado critério de interpretação. A técnica empregada é um instrumento de trabalho; um instrumento de trabalho que, embora visceralmente ligado ao conteúdo expressivo, pode ser usado para a expressão de mais do que um conteúdo. Isto é, pode ser usado por mais de um escritor.

O discurso acaba por inscrever no seu corpo como representante de todo o pensamento, toda a emoção, toda sensação e todo o sentimento.

2.3. CONCEITO DE LITERATURA COMPARADA

Como já foi supracitado anteriormente, com este trabalho pretendemos comparar a construção do discurso entre o romance cabo-verdiano *Chiquinho* de Baltasar Lopes e o

romance brasileiro *Menino de Engenho* de José Lins do Rego. Por isso, é de suma importância falar sobre o conceito de Literatura Comparada, em que consiste e o que se pretende ao comparar textos. Para uma melhor compreensão dos que vierem a ter acesso a este trabalho, de seguida passamos a fazer a supramencionada reflexão sobre o conceito de Literatura Comparada.

A literatura comparada como área de ensino e um género de investigação literária, alcançou na Europa e nos Estados Unidos desenvolvimento sólido e organizado a partir do século XIX, no Brasil, seu surgimento foi difuso e pouco especializado.

A expressão “literatura comparada” é ambígua, o que sem dúvida, terá contribuído para que esta importante forma de estudo da literatura tenha tido um êxito académico actualmente.

A formal comparação entre literaturas pode ser esclarecedora se conseguir definir não só contrastes e afinidades, mas também divergências entre o desenvolvimento literário de uma e de outra nação.

Na prática, a expressão “literatura comparada” tem abrangido e continua a abranger vários campos de estudo e diversos grupos de problemas. Está confinada ao estudo das relações entre duas ou mais literaturas, no nosso caso, especificamente, entre dois romances: um cabo-verdiano e um brasileiro, respectivamente de Baltasar Lopes e José Lins do Rego.

As comparações entre literaturas, quando alhadas de se preocuparem com as literaturas nacionais, tendem a restringirem-se aos problemas externos referentes a factos, a fontes, a influências entre outros aspectos pertinentes como a imitação e a intertextualidade.

A literatura comparada, segundo Paul Van Tieghem¹, estuda as inter-relações entre duas ou mais literaturas enquanto que a literatura geral estuda aqueles movimentos e modas da literatura que transcendem a linha nacional.

É importante conceber a literatura como um todo e pesquisar o crescimento e o desenvolvimento da literatura sem o relacionar com as distinções linguísticas.

¹ Artigo *Literatura Comparada: Temas, intertextualidade e interdisciplinaridade*. 1º Congresso Abralic, Porto Alegre, 1998.

O estudo da literatura comparada exige muito da proficiência linguística do investigador. Requer a ampliação de perspectivas, a supressão de sentimentos locais, o que não é fácil de atingir.

A literatura comparada toma como ponto central o problema da nacionalidade e das distintas contribuições das nações individuais para este processo literário.

Este processo literário tem como suporte estudos que servem da comparação como recurso para melhor situar e compreender o objecto em análise, pondo em relevo aspectos essenciais da intertextualidade e da interdisciplinaridade que "circulam no subsolo dos textos" como reminiscências de leituras e dados que fazem parte do património mental do escritor, segundo Tânia Carvalhal².

A existência de modelos, pois, não preocupa o analista mas o que o interessa são as formas de absorção do modelo, a transformação e o afastamento dele, atitudes nas quais identifica a singularidade do autor. Tais procedimentos são para ele objecto de análise de cunho estético mas também de uma investigação que estuda a correspondência e a interacção entre a obra literária e a vida social. Isto é, a Literatura Comparada a partir de nossa própria realidade, que a sua contribuição ganha, para nós, especial relevo.

2.4. CARACTERIZAÇÃO DO DISCURSO NOS ROMANCES

Quando se lê uma obra literária devemos contextualizá-la em termos histórico, social, político e económico em que se insere, uma vez que análise literária faz-se com base em teorias literárias e textos escritos. Qualquer obra literária tem significado se estiver inserida dentro de um contexto com vista a ter um suporte teórico que permita percebê-la.

Relativamente ao discurso literário, o sistema linguístico é o espaço de afloramento de outros códigos, um super código (aspectos referenciais como a temática, a ideologia e a estética) que condiciona a prática literária conferindo-lhe a consistência de um movimento com contornos periodológicos próprios.

² Idem Artigo *Literatura Comparada: Temas, intertextualidade e interdisciplinaridade*. 1º Congresso Abralic, Porto Alegre, 1998.

No que concerne ao discurso dos romances, foco da nossa análise, podemos dizer que ambos autores procuram fazer uma recriação literária adequando o discurso às falas dos personagens e uma versatilidade a nível da língua, isto é, há uma predominância de vários discursos de acordo com o papel desempenhado por cada personagem.

Em *Chiquinho*, Baltasar Lopes faz uma recriação literária, isto é procura adequar o discurso às falas das personagens, constrói uma versatilidade a nível da língua através da produção de vários discursos.

Por exemplo, em *Chiquinho*, podemos encontrar uma diversidade de discursos específicos consoante o papel de cada personagem na intriga:

- **Discurso Narrativizado** – discurso na primeira pessoa, em que o protagonista conta tudo, dando a impressão que se está a vivenciar os dramas e as tragédias daquilo que é contado, por exemplo:

“Como quem ouve uma melodia muito triste, recordo a casinha em que nasci, no Caleijão” (p. 6)

“Conheci bem papai em casa, apesar de ele ter embarcado pela primeira vez para a América andava eu pelos cinco anos” (p. 8).

- **Discurso Reproduzido** – que consiste na reprodução das falas das personagens de acordo com o seu estatuto social, o que confere um grande realismo, verosimilhança ao romance. Por exemplo:

Mamãe insistia por que ele tomasse também de meias o tapadinho de baixo. Mas Nhô Chic’Ana recusava sempre. Dois casais de terra era muita horta para um velho como ele, que só contava com a filha e com uma ou outra pessoa que ela ganhasse em mão trocada. (p.16).

- **Discurso Lírico** – que consiste na expressão do “eu”, quer dizer, de sentimentos, desejos íntimos e estados da alma do emissor, a comunicação de um conteúdo psíquico que lhe enche a vida anímica e que dela transborda, exemplificada na morna dedicada à Nuninha por Chiquinho:

“Amor é como um pássaro azul

pousado no ramo de um jamboeiro...
Olha-o, deixa-o cantar, deixa-o voar...
Se o pegares ele chorará,
Se o deixarás ele cantará
e de noite virá ninar o teu sono”. (p.76)

- **Discurso das Personagens Rurais** – nitidamente mostrado nas expressões usadas no meio rural e explícitas ao longo da obra, como por exemplo:

“Dedo mendinho”, “moço”, “Pitra tu é que fizeste filho em Zepinha?” e “gajê”, “O mar é uma horta sem morouços”.

- **Discurso das Personagens mais Cultas**, como por exemplo nas seguintes expressões colhidas ao longo da obra:

“Salário”, “sociologia”, “inquérito social”, “Grémio”, “Mestre Ambrósio não quis fazer parte da Associação”, “A.O.M – Associação Operária Mindelense, “Clube”, “Jornal da Província”, “Camões”, entre muitas outras.

- **Discurso Dramático** presente nos episódios/acontecimentos mais comoventes ao longo do romance, como por exemplo: *doença/morte de Parafuso, Nhô Chic`Ana, Dóleres, seca, separação de Chiquinho da família e de Nuninha*, entre outros.

Para cada personagem tipo presente no romance o autor consegue produzir um discurso próprio o que confere um certo realismo à obra. Preocupou-se muito com a verosimilhança pela forma como o romance se aproxima da realidade/meio em que viveu o narrador/protagonista como assim os personagens construtores da narrativa em questão. As personagens ao longo da intriga têm oportunidade de autocaracterizarem-se através do discurso dando assim corpo a narrativa por meio das suas acções. Através do discurso das personagens, reflecte-se: o seu nível social e cultural; o seu carácter; os seus sentimentos; o que pensam dos outros e o seu papel na acção.

Segundo Gerald Moser e Manuel Ferreira, *Bibliografias das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, 1983, a obra *Chiquinho* de Baltasar Lopes é a primeira obra de ficção, a todos os títulos importante, como expressão autêntica do homem cabo-verdiano e ainda pela novidade da sua linguagem que se organiza, em grande parte, na combinação de estruturas do crioulo com as da língua portuguesa. Pioneiro, sem dúvida, de uma escrita que o brasileiro Guimarães Rosa ou o angolano Luandino Vieira mais tarde levariam às últimas consequências.

Em *Menino de Engenho*, também foco da nossa análise, encontramos uma variedade de discurso de acordo com o papel e estatuto de cada personagem ao longo do romance.

O narrador protagonista do citado romance desencadeia um discurso carregado de uma simplicidade usando uma linguagem regionalista com expressões tipicamente nordestina. Toda a intriga é contada na primeira pessoa, isto porque ele conta a sua infância vivida no Engenho Santa Rosa do avô materno, com todas as coisas boas e menos boas que aconteceram ao longo da sua estadia lá até ser obrigado a entrar para um colégio.

De entre os vários discursos presentes no romance destacam-se:

- **Discurso Narrativizado** – discurso na primeira pessoa, em que o protagonista dá a impressão de estar a vivenciar as acções da intriga que nos conta. Podemos constatar isso na seguinte passagem do romance:

“Eu tinha uns quatro anos no dia em que a minha mãe morreu. Dormia no meu quarto, quando pela manhã me acordei com um enorme barulho na casa toda”. (p.6)

“Ainda me lembro de meu pai. Era um homem alto e bonito, com uns olhos grandes e um bigode preto”. (p.6).

- **Discurso Reproduzido** – que consiste na reprodução do discurso das personagens pelo protagonista de acordo com o estatuto social, conferindo uma grande verosimilhança ao romance, como por exemplo:

“O tio Juca, que me fora buscar, contava a história, afirmando que o meu pai estava doido”. (p.8)

“Uma mulher chegou-se para mim, e toda cheia de brandura: - Que menino bonitinho! Onde está a sua mãe, meu filho”? (p.9)

- **Discurso Lírico** – que consiste na expressão do “eu”, dos sentimentos, desejos íntimos e estados da alma do emissor, a comunicação de um conteúdo psíquico que lhe enche a vida anímica e que dela transborda. Exemplo:

“Não sei por que, fui criando a esta criaturinha uma amizade constante. Gostava de ficar com ela, (...) E um preá-da-índia que me deram, eu lhe ofereci de presente. (p.16)

“E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha recebido. (...) Eu sentia o seu sofrimento como se fosse o meu”. (p.30)

“... eu peguei Maria Clara e beijei-a forte na boca. Corri como um doido para casa, com o coração batendo”. A noite toda foi um sonho só com Maria Clara. E o meu amor crescia, dilatava o meu coração de menino”. (p.82)

“E chorei ali entre os meus lençóis lágrimas que o amor faria ainda muito correr dos meus olhos”. (p.83)

- **Discurso das Personagens Rurais** – nitidamente mostrado nas expressões usadas no meio rural e extraídas da obra, como por exemplo:

“- Ô homem desbocado! Pelo caminho o moleque continuava nas suas lições, falando de mulheres e de doenças-do-mundo. E nome por nome, ele dava de todas as doenças: cavalo, mula, crista-de-galo”. (p.31)

“- Não vá se esquecer do corte de chita, seu xeixeiro”! (p.32)

“- É mentira daquela bicha severgonha”. (p.39)

- **Discurso das Personagens mais Cultas** presente nas seguintes expressões retiradas da obra:

“Colégios do Recife”, “petrificara-se também, na etiqueta”, “... a conversa era sempre de cerimónia”, “nobreza”, “era uma obra de cronista bulindo de

realidade”, “falava Francês”, “parentes civilizadas”, “Ela quer que eu toque piano e fale francês”; “Doutor Juca”

- **Discurso Dramático** bem patente nos episódios/acontecimentos mais comoventes ao longo da obra, como nos exemplos seguintes:

“Assassinato da mãe do protagonista pelo seu pai, doença e morte da prima Lili, separação do protagonista dos pais e da namorada Maria Clara, doença do Protagonista (asma), drama da inundação no Engenho e do fogo no partido da Paciência, separação do protagonista da sua segunda mãe (tia Maria) e a ida do protagonista para o colégio deixando a sua vida mundana para trás”.

José Lins do Rego constrói um estilo próprio, com uma sintaxe pessoal pela forma directa e real do discurso, tendo como substância medular da fala do povo nordestino os modismos e idiotismos.

A sua prosa é uma das prosas mais autênticas, mais ricas de seiva da língua brasileira – tal e qual nordestina, corrente e natural. Sendo nordestino, a força interior que o move, fê-lo traduzir no discurso a língua incomparável pela comunicabilidade que nos favorece ao ler a sua obra.

José Lins do Rego, como romancista, é dotado de uma excepcional capacidade de criar histórias e tipos humanos, pôde dar-nos como que uma “epopeia rural” do nordeste brasileiro – uma narrativa linear e sem ênfase como a vida simples e autêntica dos engenhos. Escreveu de forma autêntica o regionalismo nordestino com tudo o que tem de bom e de medíocre – na sua prosa não ficou indiferente às vivências no engenho. Protagonizou *Menino de Engenho* para mostrar a sua autenticidade perante a realidade/o quotidiano do povo nordestino da sua forma peculiar e pessoal de escrever as suas memórias.

Com o citado romance conta-nos a história da sua gente, da sua terra, muitas vezes desterrada pela estiagem, outras pela abundância de chuva e pelo próprio homem nordestino. Por meio das suas memórias, conseguiu de maneira admirável, ser talvez, o mais autêntico dos narradores do nordeste, por várias razões: como neto do senhor do engenho todo-poderoso (José Paulino), como colega dos moleques com quem brincava, aprendia e sofria, na medida em que presenciava os maus-tratos (castigos) e injúrias por que passavam seus amigos e trabalhadores do Engenho de Santa Rosa e dos conflitos rurais, isto é, de uma vivência/realidade que só ele podia contar de maneira tão extraordinária.

José Lins do Rego, dá-nos a conhecer os graves problemas do homem nordestino, seus sofrimentos, suas angústias, suas inquietações da carne e da alma que o atormentavam, tendo subjacente a questão da liberdade e da justiça social. O carácter memorialista da narrativa está patente no uso que Lins do Rego faz da linguagem, articulando as suas recordações de forma harmoniosa em episódios lineares e simples como a realidade que lhes é subjacente.

2.5. CORRELAÇÃO ENTRE O DISCURSO NOS ROMANCES

Geralmente os que estão ligados à literatura sabem da importância que a Literatura Brasileira desempenhou no aparecimento e desenvolvimento do neo-realismo português a partir dos anos 30. Nessa mesma época a literatura brasileira em circunstâncias e por vias mais diversas penetrou em algumas ex-colónias portuguesas com acento especial em Cabo Verde, isto é, foi onde o fenómeno teve bastante expressão.

A formação intelectual e literária dos pioneiros claridosos resulta de influências várias, que contribuíram para mudar a face da literatura cabo-verdiana. Comprova-o o comentário de Baltasar Lopes: “ (...) aconteceu que nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas, alguns livros que considerámos essenciais *pró domo nostra*”, ao se referir à influência dos escritores do nordeste do Brasil, na frontal denúncia das consequências socioeconómicas do fenómeno climático das secas, da extrema pobreza das populações e da estrutura semi-feudal da organização da sociedade, em muitos aspectos semelhantes às existentes, então, em Cabo Verde.

Os escritores nordestinos desse período da Literatura brasileira distinguem-se pela singularidade do seu estilo e da sua temática como é o caso de José Lins do Rego, elemento da nossa análise. Baltasar Lopes enumera aqueles que exerceram maior influência nele e nos restantes elementos do grupo: “Na ficção, o José Lins do Rego de *Menino de Engenho*; o Jorge Amado do *Jubiabá* e *Mar Morto*; o Amândio Fontes d’Os *Corumbas*; o Marques Rebelo d’O *Caso da Mentira*, que conhecemos por Ribeiro Couto.

Tal como a nordestina, a Literatura Claridosa caracteriza-se pela denúncia da extrema pobreza das populações e da estrutura caduca da organização social, com as suas consequências opressivas, das secas, das dolorosas fomes cíclicas, da emigração, sobretudo a

forçada, para as roças de Angola e – mais penosa e atroz – para as de S. Tomé e Príncipe, num mundo marcado pela infinita capacidade de sofrer da criatura humana e, apesar de tudo, pela esperança de salvação no futuro.

Vários são os factores que levaram os claridosos, mais precisamente Baltasar Lopes, a escrever com base na literatura brasileira:

- Leitura de livros de ficção e de poesia, essencialmente, que revelaram-lhes um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos das ilhas de Cabo Verde principalmente naquilo que as elas têm de mais castiço e de mais contaminado;
- A literatura brasileira se introduz e se circula no território cabo-verdiano, projectando-se de forma “inocente”, mas com toda a eficácia e peculiaridade possível, no espírito dos nossos intelectuais ao mesmo tempo que contribui para uma consciencialização adequada à época de mudança;
- Por um lado, a circularidade do discurso brasileiro se manifestou por osmose e provocou os seus efeitos sem deixar indícios visíveis externamente no texto, por outro lado, os indícios detectáveis exteriormente são vários e múltiplos nas três figuras principais da Claridade, com predominância para Baltasar Lopes e Manuel Lopes, quer na prosa quer na poesia.

Baltasar Lopes, desenvolve o seu texto adensado aos textos brasileiros de que teve acesso na altura praticando a intertextualidade, transformando e recriando, mas nunca deixou de ter presente a raiz cabo-verdiana, isto é, teve sempre “os pés fincados na terra” ao fazer uso da nossa língua de forma natural e ao denunciar os problemas das ilhas. Ele soube utilizar os textos brasileiros como referência e conseguiu identificar neles aspectos semelhantes relativos a realidade e as raízes cabo-verdianas. Isto fez dele um autêntico escritor cabo-verdiano, demonstrando por meio dos seus escritos que Cabo Verde tinha uma personalidade autónoma, regional, referenciada e que a valorização da realidade nos temas tratados levaria a tomada de consciência de uma identidade própria.

É de realçar que, excertos do romance *Chiquinho* começaram a ser publicados na Revista *Claridade*³ publicada em Março de 1936, em Mindelo por um grupo sobejamente conhecido e de referência no seio da nossa literatura, constituído por Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, sendo o discurso incutido na prosa do primeiro, elemento da nossa análise.

Podemos dizer que, entre os dois romances: *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego existe uma relação mútua, ou seja, uma analogia em termos discursivos. A presença brasileira na literatura cabo-verdiana, desde cedo foi detectada mesmo antes da *Claridade*, mas foi a partir dos anos 40 que se tem falado tanto dessa influência. Segundo escritos, a *Claridade* foi a “receptora imediata das sugestões brasileiras comprovadas nos conteúdos”, mas esta presença não se verificou somente na *Claridade*.

A correlação discursiva entre os dois citados romances é evidente na relativa proximidade sócio-cultural da realidade cabo-verdiana da realidade nordestina brasileira. Pois como dizem, Cabo Verde é um pedacinho do Nordeste brasileiro, e este tem tudo a ver com Cabo Verde.

Sabemos que o romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego foi publicado alguns anos antes (1932) do romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes (1947), mas podemos constatar de forma nítida que, através destes, os autores aparecem como extraordinários representantes de uma literatura regional e social preocupada em denunciar e analisar as condições de vida dos respectivos povos usando a escrita como sua arma principal, cada um do seu modo retratando sua realidade.

Uma outra relevância, deve-se ao facto de mostrar que a aproximação entre povos pertencentes a continentes diferentes não se verifica só através de costumes, tradições, recursos naturais mas também, por meio da literatura na qual detectamos elementos comuns à nível das suas histórias, percursos literários, factores sociais, económicos, políticos, entre outros aspectos, isto é, a literatura não tem fronteiras. É importante realçar que, é da natureza da literatura projectar-se e ser projectada, e por isso, permanentemente produz interferências múltiplas nos mais variados contactos a que ela está sujeita – de país para país, de escritor para escritor, de geração para geração, de escola para escola e de movimento para movimento.

Quer José Lins do Rego, quer Baltasar Lopes tinham como propósito denunciar as precariedades da vida no Nordeste Brasileiro e em Cabo Verde, respectivamente. A

³ Salienta-se que a *Revista Claridade* completa 70 anos da sua publicação, em 2006.

correlação também é visível no tipo de romance, ambos são memorialistas, isto é, são recordações narradas na primeira pessoa pelos protagonistas/autores, ambos escreveram de acordo com a época de então, ambos inauguraram a escrita representativa da realidade, denunciando os problemas por que passava o povo.

2.6. A INTERTEXTUALIDADE DISCURSIVA NOS ROMANCES *CHIQUINHO E MENINO DE ENGENHO*

2.6.1. CONCEITO E EVOLUÇÃO DO VOCÁBULO INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade, como muitos conceitos que permeiam e orientam na esfera da Literatura Comparada significa interacção entre textos, um diálogo entre eles.

Sobre as origens do conceito de intertextualidade, nota-se que, embora os formalistas russos, especialmente Tynianov e Chklovsky tenham tido uma certa preocupação com conceitos atinentes à noção contemporânea de intertextualidade, é Bakhtin, quem normalmente se apresenta como sendo o primeiro teórico a elaborar a questão em pauta. Bakhtin apresenta um conceito abrangente de texto como sendo o que diz respeito a toda produção cultural com base na linguagem. Desta forma, rompeu com o hermetismo de seus predecessores. Simultaneamente, com a definição de diálogo, rompe com velhas tradições da Literatura para, enfim, compreender o texto em sua interacção não apenas com discursos prévios, mas também com os receptores do mencionado discurso. Para esse teórico, o processo de leitura não pode ser concebido desvinculado da noção de intertexto, já que o princípio dialógico permeia a linguagem e confere sentido ao discurso, elaborado sempre a partir de uma multiplicidade de outros textos. É sob a influência dos conceitos propostos por Bakhtin que um bom número de teóricos dos anos 60 revisa tratados semióticos em busca de novas perspectivas para o estudo das relações entre discursos.

É nesse contexto que Júlia Kristeva, membro actuante da crítica francesa, elabora seu conceito de intertextualidade considerando que todo texto se constrói como “mosaico de citações”. Dito entendimento acarreta a consideração de que a intertextualidade é um fenómeno que se encontra na base do próprio texto literário, imbricada com a inserção deste num múltiplo conjunto de práticas sociais relevantes. A partir de Kristeva, texto passa a ser entendido como o evento situado na história e na sociedade, que não apenas reflecte uma situação, mas é essa própria situação, apagando linhas divisórias entre as disciplinas e

constituindo um cruzamento entre diferentes superfícies textuais e distintas áreas do saber científico e da esfera artística. “Pelo seu modo de escrever, lendo o *corpus* literário anterior ou sincrónico, o autor vive na história, e a sociedade se escreve no texto.”

A partir dos postulados de Kristeva, Herberts observa que a intertextualidade reflecte a concepção do texto literário “como carregado de outros textos, inclusive do ‘texto’ da realidade”.

Nessa inserção de elementos dentro do texto, constrói-se a rede dialógica da escritura-leitura, conformando a ambivalência da ciência paragramática, no dizer de Kristeva.

“Um texto estranho entra na rede da escritura: esta o absorve segundo leis específicas que estão por descobrir. Assim, no paragrama de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor.”

Ao abordar a questão, Herberts considera que é justamente a ideia de abertura e incompletude do texto literário que leva à “pluralidade de sentidos da obra artística, que faz supor que cada leitor fará uma leitura particular da mesma, ajudando a construí-la a partir de suas determinações sociais, psíquicas e ideológicas”. Por essa perspectiva, a leitura de uma obra está impregnada das influências do contexto – histórico, económico, social, e, também literário.

No entender de Olmi⁴, a absorção de um “texto estranho” na tessitura de uma nova obra literária, relaciona-se com a noção de uma literatura sem fronteiras, espaço de apropriação cultural. Essa apropriação, entretanto, foi e deverá ser um lugar, um espaço de proliferação, de disseminação capaz de produzir e reproduzir ideias, formas, conceitos e conteúdos e de ser aceita como fenómeno absolutamente natural, despreocupado de citação de fontes, influências e referências, de acordo com os postulados mais recentes dos estudos em Literatura Comparada.

Campos e Cury⁴, por outro viés, esboçam considerações sobre as relações entre intertextualidade e o que denominam de *saberes em movimento*: as actividades do leitor e do escritor se intercambiam e o objecto texto, que resulta do tecido de significados tramado por ambos, apresenta-se como um espaço em movimento, um mobile sempre aberto a diferentes configurações. Todo texto é, assim, um espaço de confluência de múltiplas vozes.

Enfim, a concepção de texto como “mosaico de citações” acarreta a infinita reinvenção e repetição de formas e conteúdos, uma rede interminável em que diferentes

sequências se transformam em outras sequências, reutilizando de incontáveis maneiras os materiais textuais existentes. Seus reflexos na interpretação da obra literária são diversos.

Pineda Cachero, ao referir-se à intertextualidade, esboça: “*textos sobre textos, textos dentro de textos, textos que condicionam e configuram a leitura de outros textos, e que, em última instância, determinam o mundo do protagonista*”. Eis a complexidade da trama intertextual; tão intrincada, tão escorregadia, que chega a ser confundida com o conceito mesmo de literariedade.

Tentando abarcar a amplitude das relações intertextuais, Genette⁴ cunha o termo transtextualidade (ou transcendência textual do texto) incluindo “*tudo aquilo que coloca o texto, explícita ou implicitamente, em relação com outros textos*”. De entre o emaranhado de relações possíveis, define cinco categorias, elencadas por ordem crescente de abstracção, a saber: (1) a intertextualidade; (2) a paratextualidade; (3) a metatextualidade; (4) a hipertextualidade, e (5) a arquitextualidade. Apesar dos outros conceitos estarem aqui presentes vamos incidir sobre a intertextualidade.

Em primeiro lugar, a intertextualidade, definida como diálogo entre dois ou mais textos, isto é, a presença efectiva de um texto em outro. O intertexto seria, pois, a percepção por parte do leitor das relações existentes entre uma obra antecedente e outra posterior. Sem dúvidas, de entre as categorias elencadas é esta a mais desenvolvida e intrincada, em que coexiste uma qualidade enorme de referências a discursos culturais da mais variada índole.

Na Literatura, a intertextualidade é uma constante, porque cada estilo de época se opõe ao anterior e retoma parte da estética passada. A análise literária moderna sugere o termo intertextualidade como conceito operativo. Cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras, gêneros e temas anteriores a ela.

Neste sentido, parte-se do pressuposto de que a essência da intertextualidade é o trabalho de assimilação e de transformação, característica da criação artística, que aponta para um proceder analítico⁴.

2.6.2. A INTERTEXTUALIDADE DISCURSIVA NOS ROMANCES

⁴ A *Intertextualidade*. In: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero28/inteetxe.html>

Com base no que se disse anteriormente sobre o conceito de intertextualidade, podemos dizer que entre os romances elementos do nosso trabalho – *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego – é notória a intertextualidade em vários aspectos.

Os escritores claridosos são diferentes na sua formação, mas têm características comuns – o estilo, a temática, e, sobretudo, a tónica colocada em Cabo Verde. Elemento aglutinador dessas características, o regionalismo impõe-se nos claridosos como conceito definidor da especificidade literária cabo-verdiana. Em entrevista concedida em 1986 a Michel Laban, Baltasar Lopes afirma ter pretendido, através da Claridade, “contribuir para que se mostrasse que Cabo Verde tinha uma personalidade regional autónoma e diferenciada”. Tanto para Baltasar Lopes como para outros claridosos, a “personalidade regional autónoma” era a sustentação de uma realidade ainda não completamente assumida e, menos ainda, passível de ser utilizada de maneira explícita no discurso literário da época. Não se tratava de um regionalismo que se confundisse como uma mera apresentação, em Literatura, de temas ilhéus, mas da valorização da realidade, a qual representa a tomada de consciência de uma identidade própria, in *Claridosos*, p.12.

Já é sabido que, *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, insere-se na Segunda Fase do Modernismo Brasileiro, também denominada de Regionalista como já se referiu, o que influencia o aparecimento da Moderna Literatura Cabo-Verdiana, na qual *Chiquinho* de Baltasar Lopes insere-se, fazendo com que houvesse entroncamento de temas vindos do exterior na evolução do fenómeno literário cabo-verdiano.

Tendo em conta o que foi dito acima, podemos considerar todas as duas obras regionalistas, fruto do momento histórico, político, social e económico que se vivia em cada um dos países, mais especificamente em cada região onde foram escritas, retratando aspectos relevantes da estrutura social e suas respectivas condições de vida como temas das citadas produções literárias.

A presença da literatura brasileira inscreve-se no domínio daquilo a que hoje denomina-se de intertextualidade, fenómeno este, omnipresente em todo e qualquer texto literário segundo Bakhtin, e que não tem propriamente a ver com a sua autêntica individualidade.

Qualquer um dos autores aparece como representante de uma nova vertente literária, isto é, uma vertente literária regional e social preocupada em apresentar denunciando as

condições de vida precárias e os costumes dos povos nordestino e cabo-verdiano, particularmente.

Qualquer um que tenha lido as Obras *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, aprovisiona-se que, em ambas, os autores conjugam, com grande proficiência, o entusiasmo a uma linguagem nova, directa, descomplexada, coloquial e cheia de termos regionais do falar espontâneo do cabo-verdiano e do nordestino-brasileiro, respectivamente. Esta linguagem nova tem como principais objectivos denunciar todos os problemas sociais e não só, por que passavam os citados povos, embora ainda estes autores não tivessem uma maturidade em termos de escrita, uma vez que os citados romances são os pioneiros da Moderna Literatura, isto é, de uma nova tendência literária em qualquer um dos países de onde são oriundos. Pela tipologia de linguagem presente nos romances, pode-se inferir que talvez os autores quisessem não só valorizar o falar cabo-verdiano (crioulo) e o falar nordestino, como assim, fazer com que as suas produções literárias passassem a serem lidas pelo povo e, ou camadas menos letradas.

Em ambos, esta linguagem enraizada, ou seja, este “fincar os pés na terra” por parte dos escritores através da utilização de expressões tipicamente populares e regionais, conseguem conferir uma grande e excepcional vivacidade e dinamismo aos episódios/capítulos apresentados nos romances que ganham assim, maior força dramática e verosimilhança, concedendo-os um carácter realista.

A narração dos episódios que constituem os romances *Chiquinho* de Baltasar Lopes e *Menino de Engenho* de José Lins do Rego está a cargo do narrador-protagonista, que narra/recorda na primeira pessoa, a sua infância, tratando-se por isso de um narrador autodiegético e onnisciente relativamente à intervenção na diegese e ao conhecimento dos eventos que a constituem, como por exemplo: “*Como quem ouve uma melodia muito triste, recordo a casinha em que nasci, no Caleijão*”. (p.6) e “*Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu*”. “*(...) Ainda me lembro de meu pai*”; (pp.5 e 6).

O romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego é composto por quarenta capítulos apresentados de uma forma linear e objectiva pelo narrador que em jeito de flash-back recorda a sua infância vivida no Engenho do avô materno simultaneamente com episódios da vida quotidiana dos homens desse Engenho. Também o romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes é constituído por três grandes partes: a primeira parte – *Infância* – com trinta e um capítulos, nos quais relata a sua infância vivida em S.Nicolau; a segunda parte – *S.Vicente* – com vinte e cinco capítulos, nos quais relata a estadia de Chiquinho em S.Vicente enquanto

estudava 5º e 7º anos do Liceu (actualmente, 10º e 11º anos) e a terceira e última parte – As águas – constituída por vinte capítulos, nos quais relata a volta de Chiquinho à S.Nicolau com 7º ano concluído, as saudades de S.Vicente, a seca que assola a ilha e por último a ida do protagonista para América para se juntar ao pai. Podemos constatar que ambos se constituem de pequenos capítulos que pela diversidade de acontecimentos que apresentam, acabam por constituir uma espécie de crónicas diárias da existência diária do Engenho onde cresceu o Carlinhos e da Ilha de S.Nicolau e S.Vicente onde cresceu e viveu o Chiquinho.

Em ambos existe alguma coisa intermediária entre a ficção e o memorialismo: há muito material autobiográfico nesses romances. Isso acaba fazendo com que as narrativas se tornem bastante atraentes pelo que têm de autenticidade. Por outro lado, quer em *Menino de Engenho* quer em *Chiquinho*, o envolvimento sentimental com a realidade retratada nos mesmos, é muito forte, e isso confere ao que é narrado um tom afectivo o que muitas vezes prejudica uma tentativa mais objectiva de análise das relações humanas e sociais que estão sendo mostradas.

Um dos grandes méritos dos nossos autores, em análise, é seu estilo popular e modo de narrar impregnado de oralidade, ao recorrerem ao diálogo e às expressões populares que fazem uso para se expressarem de modo a ficarem talvez mais próximos das realidades espelhadas.

Os autores da nossa análise estão inseridos numa espécie de literatura humana, identificada com a terra e com a gente como elementos básicos da narrativa e os seus feitos como elementos que os autocaracterizam. São neste caso, romances que apresentam um estilo que incorpora muito da linguagem oral do povo cabo-verdiano e do nordeste do Brasil.

Como exemplo, passo a citar algumas expressões populares, presentes em *Chiquinho* de Baltasar Lopes:

1. “Destino que a gente traz da barriga da mãe”
2. “Pobre é como filho de gafanhoto”
3. “Pobre é como cama do chão”
4. “Desembarque que matou embarque”
5. “Pobreza é escarrador de todo o mundo”
6. “Menino nascido na fraqueza da lua”.

Dada a proeminência da sabedoria do povo e sendo os autores elementos deste, através dos seus escritos fazem como que uma homenagem à linguagem usada nos vários acontecimentos da vida quotidiana de qualquer um dos povos fotografados.

A vivacidade e a aproximação da realidade que é dada ao discurso por cada um dos autores da nossa análise faz com que o leitor fique preso à leitura e entusiasmo até o fim, porque a curiosidade é muita. Cada uma das expressões no seio popular tem um significado e são usadas como se fossem meros provérbios populares. Muitas vezes, nem todos sabem o que significam, principalmente os mais jovens e àqueles menos apegados aos ditos do povo. Por isso, tais ditos tendem a cair em desuso, isto é, actualmente são poucos ou quase não são usados. Alguns exemplos de expressões populares presentes no romance *Menino de Engenho*:

1. “*Galinha gorda/; gorda é ela/; vamos comê-la/; vamos a ela*”.
2. “*Judiar com passarinho bota as pessoas pró inferno...*”
3. “*Para o meu puxado prescreviam vomitórios de cebola-cecém*”.
4. “*Me deixou em cima da cama com a barriga rachando, e danou-se*”.

José Lins do Rego no seu romance *Menino de Engenho* utiliza expressões populares, mostrando o seu apego à terra e aos feitos do povo, povo este com quem criou e viveu os momentos mais felizes da sua infância e quiçá da sua vida, no Engenho Santa Rosa, do Coronel Paulino, seu avô materno.

Através do discurso em *Menino de Engenho* pode-se constatar que o autor pretende demonstrar como o romance de cunho social e regional tem relação com toda a situação político-social pela qual o país passava, durante a década de 20/30. Ao aproximar do povo tinha a convicção de que com base na denúncia e análise dos problemas sociais do país tinha possibilidade de iniciar os processos que poderiam dar o pontapé de saída para a resolução desses problemas.

Por tudo o que foi analisado podemos inferir que, a intertextualidade patente em *Chiquinho* e *Menino de Engenho* é nítida nos supracitados aspectos, o que impregna um certo simbolismo nos mesmos sem deixar que qualquer um destes perca o valor que tem na história literária de cada um dos países de onde são oriundos.

CAPÍTULO 3

A DIMENSÃO DO DISCURSO

3.1. A DIMENSÃO DO DISCURSO NOS ROMANCES

O romance é um género literário. A forma e o conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenómeno social – social em todas as esferas da sua existência e em todos os seus momentos – desde a imagem sonora até os estratos semânticos mais abstractos.

Os grandes destinos históricos do discurso literário, ligados aos destinos dos géneros, foram encobertos pelos pequenos destinos das modificações estilísticas ligadas a artistas e tendências individuais.

Por muito tempo o romance foi objecto apenas de análise abstractamente ideológica e de apreciação de publicistas. O discurso da prosa literária era entendido como um discurso poético no sentido estrito e a ele eram aplicadas indiscriminadamente as categorias da estilística tradicional ou simplesmente limitavam-se às apreciações de pouca monta que caracterizam a língua: a sua expressividade, sua “força”, sua “clareza”, etc., sem introduzir nestas opiniões nada ou quase nada de sentido estilístico determinado ou ponderado que fosse, segundo Bakhtin, 1993.

Em contraposição à análise abstractamente ideológica, houve um renascimento do interesse pelas questões concretas da prosa na arte literária e pelos problemas técnicos do romance. O romance, tomando como um conjunto, caracteriza-se como um fenómeno pluriestilístico, plurilingue e plurivocal. O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialectos sociais, maneirismos de grupos, linguagens de géneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os géneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance. Cada um dos romances admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações. Qualquer um dos autores reage de uma forma muito sensível com relação a atmosfera social, uma vez que todas as palavras que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que organizam a narrativa num sistema estilístico harmonioso.

Nos dois romances em estudo, podemos constatar que os dois autores constroem as personagens tendo em conta uma diversidade social na qual cada uma dá conta do seu tipo, ou seja, autocaracteriza-se através do discurso.

É possível notar que em ambos os romances, há uma aproximação ao falar do povo, uma vez que através do falar das personagens temos um “fincar os pés na terra” passa-se a expressão, por meio da utilização de muitas expressões tipicamente cabo-verdianas (língua crioula/materna). Do romance *Chiquinho* temos como exemplos os seguintes: *osso-de-varanda* (clavícula); *mantenha* (saudações, lembranças); *cama de finca-pé* (cama com a base fincada no solo); *ventona* (referência a um “grande vento”, possivelmente um ciclone); *chaleirar* (bisbilhotar); *cachupa* (principal prato típico de Cabo Verde, feito à base de milho); *mocrata* (prostituta ainda muito jovem adolescente); *camoca* (farinha de milho torrado); entre muitas outras. A língua cabo-verdiana também constitui preocupação de fundo de fundo dos claridosos, em especial Baltasar Lopes, embora os Pré-Claridosos sejam os precursores. É importante realçar que a língua cabo-verdiana foi objecto de estudo de Baltasar Lopes para *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, publicado em 1957.

Salientamos que a utilização da língua cabo-verdiana no discurso do romance tem como objectivo principal valorizar a língua materna, mas também preservar e enaltecer a cultura cabo-verdiana, já que ele é um dos claridosos, cujos propósitos era valorizar o que pertencia ao país. Também, mostra claramente o rompimento com os Pré-Claridosos a nível da utilização dos padrões europeus e o enaltecimento da cultura e dos elementos endógenos.

A supracitada valorização é feita também nas mornas cantadas pelo Nonó e nos versos/poemas de Eugénio Tavares – Pré-Claridoso que muito valorizou a língua crioula através dos seus escritos, como por exemplo:

“Sol brando ca ta quemâ

pele di rosto di nhá crecheu

Sol brando, el ê sol di gosto

Pa ta lumiano porta di céu...” (p.98)

Para além de Baltasar Lopes fazer uso no seu romance de versos de Eugénio Tavares como forma de valorizar a nossa língua, também faz referência a figuras ilustres da nossa cultura e literatura como Frank Beleza (músico e compositor popular de São Vicente, mais conhecido por B.Leza), a Ambrósio (homem que inspirou Gabriel Mariano - ensaísta - que lhe dedicou o poema “Capitão Ambrósio”) com intuito de fazer intertextualidade com os seus

escritos e valorizar-lhes por terem participado na formação da nossa identidade cultural e literária.

Também é notável a interferência ou uso de expressões inglesas e francesas (influências europeias e africanas, mais precisamente de Dacar) ao longo do discurso do narrador Chiquinho e de outras personagens, citando as seguintes:

“... *eu trabalhava na Companhia Cory, era donkeyman*” – foguista dos barcos movidos a vapor; “*A namorada de Nono veio oferecer-lhe um tofê*” – bombom, do inglês toffee; “*chim-chim*” – expressão que acompanha o tocar dos copos nos brindes, do inglês; “*O saxofone sublinha muito blue, a saudade da baby, que está away*”; “*Ça c’est bon*”; “*Chéri! Je n’aime que toi*”!, entre outras.

Também no romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, é notável a utilização de muitas expressões do nordeste brasileiro. Com isto o autor pretende mostrar a sua convivência com o povo dos Engenhos e que é um elemento deste povo, elemento este que por meio da escrita nos consegue proporcionar uma narrativa exemplar do que era a vida nos Engenhos mesmo após a abolição da escravatura. É exemplar e realista pela forma como narra os acontecimentos da sua infância vivida no Engenho do avô materno. Para comprovar o que se disse anteriormente, temos aqui algumas das muitas expressões populares que ele fez uso ao longo do romance: *aperreios* (dificuldades, apoquentações); *banda-forra* (filho de branco com escrava negra); *camumbembe* (vadio, plebe, matuto morador de engenho); *massapê* (terra argilosa, quase preta, boa para a cultura da cana-de-açúcar); *puxado* (asma, falta de ar, bronquite asmática), entre outras.

Realça-se que muitas expressões encontradas no romance actualmente caíram em desuso. Também, muitas existem na Língua Portuguesa mas com outros significados, dependendo do contexto em que estão inseridas.

Outro exemplo da utilização do discurso típico popular está presente na cantiga seguinte:

João Crioulo,

Maria Mulata,

João Crioulo,

Maria Mulata,

.....

Ai pisa-pilão,

pilão gonguê.

ai pisa-pilão,

pilão gonguê.

No poema seguinte está nitidamente a voz do povo miserável da bagaceira, linguagem bastante coloquial (característica do autor) e com visíveis marcas da oralidade. Este poema foi composto durante a servidão (nas 12 horas da moagem) no Engenho:

Tomba cana, negro,

eu já tombei.

.....

O engenho de Massangana

faz três anos que não mói.

Ainda ontem plantei cana,

faz três anos que não mói.

No poema em epígrafe, para além de mostrar a valorização da língua, por um lado, demonstra a labuta melódica do Engenho moendo, particularmente dos trabalhadores rurais cujas vidas eram atormentadas pela seca e também pela exploração económica tendo o negro sempre como protagonista nos trabalhos forçados, nos quais só tinha deveres e obrigações e, por outro, a decadência paulatina dos Engenhos de açúcar e sua consequente substituição pela Usina.

A utilização das expressões tipicamente nordestino-brasileiras é uma forma de valorizar a língua do povo e consequentemente a cultura. Através da sua autenticidade, José Lins do Rego, põe-nos em presença de uma obra que retrata toda a vida do Nordeste, visto que ele sentiu na pele os problemas sociais e humanos da vida rural dos Engenhos Nordestinos. Deu com Menino de Engenho um pontapé de saída para um levantamento completo económico, social, psicológico da vivência real nos Engenhos.

Detentor de um profundo lirismo, uma linguagem cheia de vocábulos regionais, dignas de quem conviveu de perto com a região e o povo descrito em sua obra e uma narrativa com uma forte inspiração, dando ênfase à oralidade, a obra de José Lins tem como alvo a região nordestina brasileira.

Os discursos utilizados pelos autores base da nossa análise são carregados de intenções sociais podendo através destes espelhar as sociedades vigentes na época em que cada uma das obras foi escrita.

O discurso das personagens nos romances, de uma forma ou de outra possuem autonomia semântico-verbal, perspectiva própria, podendo retratar as intenções do autor, sendo este o criador daquelas. Com a utilização das diferentes falas e diferentes línguas, ou seja, por meio desta diversidade de discursos quer Baltasar Lopes quer José Lins do Rego consegue construir o seu estilo, pois, o discurso ao entrar no romance retratado nas falas das personagens ordena-se de uma maneira especial, tornando-se a narrativa num sistema literário original que orchestra o (s) tema (s) intencionais do autor.

Na prosa em português de *Chiquinho* e de *Menino de Engenho*, é o crioulo e o falar típico do nordestino que irrompe a todo o momento, no seu léxico, na sua sintaxe, na sua semântica, na sua poética.

3.1.1. AVALIAÇÃO DO IMPACTO DOS FACTORES ECONÓMICOS, POLÍTICOS E SOCIAIS COMO ELEMENTOS DEFINIDORES DO DISCURSO NOS ROMANCES

Como se disse acima, o discurso é um dos principais elementos definidores do estilo de qualquer autor e Baltasar Lopes e José Lins do Rego não ficam de fora. Através do discurso os autores retratam aspectos caracterizadores da sociedade como sociais, económicos e políticos. Estes factores aparecem na obra por meio das falas das personagens (diálogo) e do narrador (narração), nas quais podemos constatar a denúncia dos problemas económicos retratados na vivência/no social (críticas e problemas sociais); o regime político da época com tudo o que tem de bom e de medíocre. Estes factores definam o discurso porque é através deste que são enunciados pela fala das personagens. Fazendo uso de expressões e falares típicos de cada grupo social retratado no discurso da personagem tipo, os autores constroem de forma harmoniosa os romances, descrevendo a sociedade e suas controvérsias de forma realista.

Com os pés bem assentes na terra, quer Baltasar Lopes quer José Lins do Rego tem uma importância histórica na abertura da prosa de ficção cabo-verdiana e na nordestino-brasileira, respectivamente – o do regionalismo. Este regionalismo foi feito de forma crítica e fez com que aprofundasse o realismo das sociedades vigentes.

Em ambos romances podemos encontrar os supracitados factores espelhados no discurso das personagens. Os factores citados influenciam muito o desempenho de cada uma das personagens que constroem a narrativa.

No discurso de cada personagem estão presentes várias dimensões importantes para a compreensão da realidade social, política, económica, cultural, psicológica, pedagógica e moral da sua existência diária. Este retrato é feito de forma directa pelas personagens através do seu falar com expressões típicas de cada grupo social. Por exemplo:

A dimensão sócio-cultural está patente nas histórias que reflectem a vida social – cultos, religiões, costumes, tradições, folclore, modos de vida muito antigos: o casamento em Praia Branca; as rezas feitas todas as noites na casa do protagonista Chiquinho; o Carnaval em S.Vicente; as histórias depois do jantar e as contadas por Nhá Rosa Calita – no romance *Chiquinho*; os preparativos e o casamento da Tia Maria; as rezas ensinadas pela tia Maria ao Carlinhos e aos moleques; as festas dos Santos (Romarias); o oratório/o santuário em casa do Coronel José Paulino; as histórias contadas por Nha Totonha e as superstições – no romance *Menino de Engenho*.

A dimensão ético-moral – praticamente não há romances amorais. Todos têm um sentido moral, censura-se o que é considerado mal e elogia-se o que é considerado bem. Apresentam problemas éticos importantes – maldade, fome, guerra, sofrimento, abandono, velhice, doença como por exemplo: sofrimento e doença de Manuel de Brito, mais conhecido por *Parafuso*, aliás, personagem que melhor espelha o social no romance *Chiquinho*; a falta de emprego e a consequente fome do povo das ilhas; a transmissão das experiências dos mais velhos para os mais novos, contribuindo na formação da sua personalidade; a reprovação da atitude dos netos pela Mamãe Velha por terem roubado peixe seco e farinha da despensa; o desempenho do grupo do Grémio na denúncia dos vários problemas que afligiam Mindelo e comuns às outras ilhas de Cabo Verde – no romance *Chiquinho*; o castigo/a punição dos cabras do engenho; as moléstias do engenho – sarampo, bexiga-doida (espécie de varíola),

papeira (bócio) e sangue-novo (erupções na pele); a censura do assassinio da mãe do Carlinhos pelo seu pai; o sofrimento causado pela doença em Carlinhos e na prima Lili; a separação de Carlinhos da mãe e da tia Maria, pessoas que amava muito – no romance *Menino de Engenho*.

A dimensão psicológica – os romances tratam de temas e de problemas existenciais retratados através dos discursos das personagens, que muitas vezes servem de modelos na formação da personalidade dos mais novos. Têm um simbolismo que é importante para a formação psicológica da criança, do amadurecimento da personalidade do jovem e da colocação das experiências dos mais velhos em comum, exemplificados nas seguintes passagens das obras: as experiências da vida contadas por Mamãe Velha, Nhô Chic´Ana, Nhá Rosa Calita, Totone Menga Menga, Sr. Euclides Varanda, José Lima; os vários problemas sociais – o desemprego, a prostituição, o contrabando, a pobreza, a miséria entre outros; a revolta interior dos pobres e dos explorados com relação aos ricos e aos exploradores; a denúncia nos temas tratados pelo grupo do Grémio Cultural Cabo-Verdiano, formado por Andrezinho, Chiquinho, Nono, Alcides; a revolta deste grupo perante aos problemas por que passava a população e a falta de alternativas e soluções – no romance *Chiquinho*; as experiências de vida do coronel José Paulino, do tio Juca; Zé Guedes (professor de muita coisa ruim); Zefa Cajá; os problemas das cheias, o trabalho forçado dos cabras no engenho; a desigualdade social nitidamente mostrada nas diferenças de tratamento entre os netos do coronel e os moleques; a possibilidade de Carlinhos ter uma professora só para ele enquanto que as outras crianças do engenho (os moleques) tinham deveres e obrigações – no romance *Menino de Engenho*.

A dimensão pedagógica o seu valor educativo, a descoberta de novas realidades, permitindo à criança/ao jovem/ao adulto o diálogo com o mundo e a vida que a rodeia: a ida de Chiquinho à S.Vicente para estudar; o conhecimento de uma realidade totalmente diferente (urbana) da que tinha vivido a sua infância (rural); a participação de Chiquinho no grupo do Grémio Cultural Cabo-Verdiano; a convivência diária de Chiquinho com os problemas da população do Mindelo; a tentativa de solucionar alguns problemas pelo grupo do Grémio, o conhecimento e o posterior namoro de Chiquinho com Nuninha, etc. – no romance *Chiquinho*; o conhecimento de uma realidade diferente pelo Carlinhos (rural) daquela que vivia (urbana) até homicídio da sua mãe; as brincadeiras de Carlinhos com os moleques e as consecutivas descobertas sexuais, ambientais, enfim surpresas da vivência diária da gente do

engenho; o conhecimento de uma mulher como homem por Carlinhos; a contracção de gálico por Carlinhos com apenas doze anos de idade por uma mulher (Zefa Cajá) muito mais velha que ele; a ida de Carlinhos ao colégio, entre outros – no romance *Menino de Engenho*.

Estas dimensões são muito importantes porque ajudam-nos a compreender e a caracterizar o discurso definido para cada personagem e o seu comportamento na construção e desenrolar da narrativa. Os tipos de discurso anteriormente explicitados no capítulo “A caracterização do discurso nos romances” estão associados às várias dimensões também anteriormente faladas.

Por exemplo, como citamos anteriormente, o nosso trabalho tem como um dos propósitos facultar aos alunos do 3º Ciclo um material de apoio nas aulas de Literatura e possíveis comparações entre literaturas, como são os casos da cabo-verdiana e da brasileira, também é nossa intenção ajudar-lhes a construir o seu saber e o seu discurso, com base na análise feita.

Como disse Camões, *Mudam-se os tempos mudam-se as vontades*, por isso os factores citados influenciam o discurso de acordo com a época, modos de vida, tipo social e personalidade construída para o desempenho de cada personagem. O discurso e desempenho de cada personagem na narrativa pode ou não, influenciar negativa ou positivamente na construção da personalidade e carácter do leitor. Sendo assim, o discurso usado pelos autores da nossa análise terá impactos diferentes na sociedade de acordo com a época e a personalidade do leitor sem deixar de ter impacto por mais simples e peculiar que seja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de livros leva-nos inevitavelmente, como já vimos, a ter de pensar os temas e os valores que subjazem à criação literária e até que ponto influenciam na construção da personalidade do virtual leitor e consequentemente da sociedade.

Terminada a análise comparativa da construção do discurso nos Romances *Menino de Engenho* de José Lins do Rego e *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva podemos afirmar que ambos são romances que veiculam valores que justificam a sua filiação na prosa modernista cabo-verdiana e brasileira, facto que também fez com que os supracitados escritores sejam até hoje considerados como dois dos expoentes máximos dessa corrente literária cabo-verdiana e brasileira, respectivamente.

Pensamos que a preocupação de ambos escritores apresentarem as realidades bem como os seus problemas e costumes, através de uma nova linguagem – novo discurso, chegou a ser cumprido. No entanto, parece-nos que embora cientes do contexto histórico, social e literário que deveriam imprimir nas citadas obras, acabaram por não alcançar a dimensão crítica que a época do lançamento desses romances exigia, facto pelo qual consideramos que quer *Chiquinho* quer *Menino de Engenho* são mais uma denúncia das realidades cabo-verdiana e nordestina do que obras críticas propriamente dita.

Em ambos, os autores muitas vezes confundam-se com os narradores devido as múltiplas coincidências – em *Chiquinho*, como o autor (ser real) e o narrador (entidade fictícia) são naturais de S.Nicolau e estudaram no Seminário Liceu de S.Nicolau e no Liceu de S.Vicente, por isso, o romance é considerado autobiográfico. Ao contrário de *Chiquinho* em *Menino de Engenho*, as coincidências são mais próximas visto que quer o autor José Lins do Rego quer o narrador Carlos de Melo (Carlinhos) passaram a sua infância no Engenho do avô materno no nordeste do Brasil e conheceram a vivência diária dos homens do engenho. O autor desta obra serve-se de um narrador que se coloca na posição de uma criança para relembrar o seu passado, não chegando assim, a criticar profundamente a realidade retratada.

Ao nosso ver, há um excesso de subjectivismo, sentimentalismo, saudosismo e telurismo nas obras, muito evidente nos discursos dos narradores. Também pecam pela idealização que fazem em alguns momentos em que deviam prevalecer a objectividade e a razão, e isto acaba por colocar-lhes um pouco à margem da atitude reflexiva que se desejava.

Outro aspecto a ressaltar acerca destes romances, é que neles se verifica um apego ao modelo tradicional no que concerne à linearidade, à apresentação das personagens construídas a partir de descrições, à utilização da linguagem coloquial para falar dos costumes e tradições e ao carácter memorialista.

Porém, *Chiquinho* e *Menino de Engenho* não perdem de todo o mérito de serem consideradas grandes obras regionalistas. São obras que constituem heranças populares cabo-verdiana e nordestina pelos seus ritmos sintáctico peculiar, fortemente demarcado pelo discurso em cada obra, mas também por abordar a paisagem específica dessas ilhas e daquela região, valorizando questões que transcendem os próprios limites regionais.

Tal como a nordestina, a literatura cabo-verdiana caracteriza-se pela denúncia da extrema pobreza das populações e da estrutura desigual da sociedade, da seca, da emigração, num mundo marcado pela ilimitada capacidade de sofrer do homem e, apesar de tudo, pela esperança de uma vida melhor.

Nessas obras observamos uma nítida intertextualidade, uma vez que identificamos uma aproximação não somente em termos da forma mas sobretudo a nível dos conteúdos e do discurso. Através do discurso utilizado, os escritores Baltasar Lopes da Silva e José Lins do Rego aproximam-se um do outro a nível do conteúdo, da linguagem e da arquitectura semelhante dos romances em si, nos seguintes aspectos: ética, estética, inclinações sentimentais, aspirações sócio-económicas e políticas.

O discurso literário define a intenção do autor perante a sua escrita e, claro, perante ao leitor/narratário, muitas vezes indeterminado, não identificado e alheio à realidade literária e crítica presente na obra.

Em suma, podemos considerar que estes romances prendem qualquer leitor, principalmente pelo discurso neles utilizado, pois temos a sensação de estar a vivenciar tudo aquilo que o narrador e as personagens nos vão relatando, de um modo simples e descontraído. Além disso, dão a qualquer leitor a possibilidade de ficar com uma panorâmica das ilhas e da região nordestina brasileira bem como das suas gentes, seus hábitos, costumes e tradições, apontando-nos para uma nova literatura diferente, realista e concreta.

Apesar do foco da nossa análise ser a comparação do discurso em *Chiquinho* e *Menino de Engenho*, não podemos ficar sem fazer referência ao uso da literatura como meio de

denúncia dos problemas sociais, políticos, económicos, tudo isto aliado à uma mestria peculiar de contar histórias por ambos autores da nossa investigação. Sendo assim, proporcionam de forma explícita ao virtual leitor e a todo aquele que tiver acesso às obras a luta do homem cabo-verdiano e nordestino pela sobrevivência em meios muitas vezes de natureza inóspita. Os autores fazem da literatura, mais especificamente por meio do discurso, uma tentativa de transformação social constituindo por isso obras de denúncia.

Não obstante Cabo Verde e o Brasil estarem distantes e os supracitados problemas serem vividos em contextos também distintos é o discurso e a forma natural de expressar dos protagonistas e das personagens que fazem dessas obras um verdadeiro documento de identidade dos dois países tendo em consideração o carácter universal da literatura que por sua vez se encarrega de fazer a tal harmonia entre as obras.

BIBLIOGRAFIA

Apontamentos da disciplina de Literatura Cabo-Verdiana – I, II e III (Várias Professores: Dras. Arminda Brito, Rosa Lopes e Manuela Silva)

Apontamentos da disciplina de Literatura Brasileira – I e II (Dra. Maria Verúcia Sousa).

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance*. 3ª Edição. Editora UNESP. São Paulo. 1993.

CARVALHO, Alberto. *A ficção de Baltasar Lopes: Contributo para a originalidade da literatura cabo-verdiana*, (Tese de Doutoramento). 1988.

CARVALHO, Alberto. “Prefácio” ao *Lopes, Baltasar, Chiquinho*. Lisboa. Editor ALAC. 1993. p.11-30.

CARVALHO, Alberto. “Prefácio” ao *Lopes Manuel, Falucho Acorado*. Poesias. Lisboa. Edições Cosmos. 1997. p.11-35.

CASTRO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Lisboa. Vols. I e II. Publicações Alfa. 1999.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa. Edições João Sá da Costa. 15ª Edição, 1999.

DUARTE, Dulce Almada e ALFAMA, Jorge Miranda. *Antologia da Ficção Cabo-Verdiana: Claridosos*, Vol.II, AEC – Editora. 1ª Edição. Março 2001.

FERREIRA, Manuel. “A emergência da intertextualidade afro-brasileira”, in *O Discurso no Percorso Africano*. Lisboa. Plátano Edições. 1989. p.139-186.

FERREIRA, Manuel. *Literatura Africana de Expressão Portuguesa II*, Lisboa, ICLP, 1986 (Colóquio Biblioteca Breve).

INTERNET. <http://www.google.com.br>

INTERNET. litcomnobrasil.html

INTERNET. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero28/inteetxe.html>

INTERNET. <http://www.univ-ab.pt/cursos/lc/lc.html>.

KRISTEVA, Júlia. *O Texto do Romance*. Lisboa. Livros Horizonte. 1979.

LABAN, Michel. *Cabo Verde. Encontro com Escritores*, (2 Volumes). Porto, Fundação Engenheiro. António de Almeida. 1992.

LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. Editora Ática S.A. São Paulo. 1986.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa. Edições A Regra do Jogo. 1980.

REIS, Carlos e Lopes, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra, Livraria Almedina. 1998.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada. História, Teoria e Crítica*. São Paulo, Edições Universidade de São Paulo. 1997.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 1ª Edição, Rio de Janeiro. José Olympio Editora. 2003.

REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*, Coimbra, Livraria Almedina, 1995.

SILVA, Vítor Manuel Pires de Aguiar e Outros. *Teoria da Literatura*. Livraria Almedina. Coimbra. 2000.

TRIGO, Salvato. “*Formação e Desenvolvimento das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*”. In: Colóquio sobre Literatura dos Países Africanos de Língua Portuguesa. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 1987.

TRIGO, Salvato. (Formação e Desenvolvimento das Literaturas Africanas), *Ensaio de Literaturas Comparada Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa. Edições Veja. 1986.